

Carros, barcos e aviões

A galeria principal do CAM enche-se de obras habitadas pelas máquinas que assombraram o século XX

Texto Celso Martins



"360°", 2008, OBRA DE MIGUEL PALMA NA EXPOSIÇÃO "LINHA DE MONTAGEM", NO CAM, EM LISBOA

PAULO COSTA

Há qualquer coisa de menino encantado com os seus brinquedos na maioria das obras de Miguel Palma (1964). Uma fascinação que se dirige obsessivamente para a(s) máquina(s) e os seus poderes, mas que é suficientemente crítica para descortinar as implicações históricas e políticas por trás da existência massificada dos carros, barcos e aviões que insistentemente convoca.

Nesta exposição, comissariada

por Isabel Carlos, que cobre toda a nave do CAM como uma enorme "Linha de Montagem", vamos descobrindo uma relação paradoxal com a máquina, que se deleita na materialidade, na eletricidade, no movimento e na autonomia desta estranha criação humana, mas que oferece igualmente uma pléiade de signos que espelham outras tantas contradições culturais, morais e filosóficas.

"Linha de Montagem" é, aliás, um título particularmente bem encontra-

do, na medida em que este supõe, simultaneamente, uma alusão à dimensão industrial e ao 'interior' dessa produção industrial e da própria produção do artista.

Grande parte das mais de cem obras mostradas nunca tinha sido vista em Portugal e um bom número delas surge agora acompanhada por vários desenhos que nos remetem para o processo de trabalho do artista, condições que diferem da exposição apresentada pela Culturgest em 2007. Com uma montagem longitudinal, a exposição parece um hangar com trabalhos de grande porte, mas também com várias maquetas de obras realizadas ou apenas projetadas, num conjunto que cobre todo o seu percurso artístico, desde o final dos anos 80 até à atualidade.

Muitas destas esculturas atingem o núcleo central da máquina e aquele que mais se implica politicamente: o de uma funcionalidade específica. E é aqui que o mecanismo criativo recorrente de Palma se estabelece.

Um porta-aviões transformado em floresta, uma guitarra portuguesa que tem bancos de avião dentro, um aspirador que acaba em capacete de piloto ou um Sandokan que ataca uma pintura não com uma cimitarra mas com um pincel são apenas alguns exemplos desta desestabilização do mundo objetual circundante que parte da máquina, mas que acaba por atingir, igualmente, os parâmetros do poder, da organização social, da relação com o planeta ou com o semelhante. Como se a racionalidade instrumental inerente ao princípio da máquina (segundo Adorno, a que está por trás de todos os totalitarismos) fosse sujeita a uma espécie de turbilhão Dada que a desfuncionaliza e refuncionaliza com outra direção ou já sem direção alguma que não a da exposição do absurdo. Outras vezes, é do confronto entre o objeto e a sua imagem (que pode, frequentemente, ser a imagem em livro) que nasce a tensão, como nas obras que citam a imagem da Torre Eiffel ou a intervenção de Miguel Ângelo na Capela Sistina. Mas o que produz a instabilidade essencial desta obra não é tanto o cosmopolitismo cultural ou o espalhafato tecnológico de que teatralmente tem de se vestir mas a capacidade permanente de instaurar a dualidade entre voar e cair, navegar e naufragar, acelerar e estancar, salvar e exterminar, inerente à realidade de paradoxal da máquina. ▽

LINHA DE MONTAGEM

Miguel Palma
Centro de Arte Moderna,
Lisboa, até 3 de julho
Tel. 217 823 620
www.gulbenkian.pt